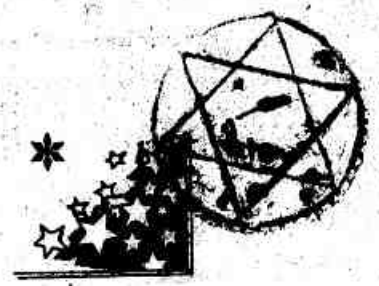




# AZUL



ANNO I.

Pela Arte

TOMO 2.

Director: Thiago Peixoto.

Curitiba, 14 de Setembro de 1900



Eda de Queiroz,

Revisão de "Experiência"

# Eça de Queiroz

**N**aquella branca manhã de inverno, quando de subito recebemos esse golpe em nosso coração, quando nos vieram dizer que elle era morto, ficamos na duvida d'um sonho e com a alma envolta n'um deslumbramento.

E assim n'essa barbara e confusa emoção foi como se nos viessem annunciar nervosamente que um coveiro senil — mortalha aos hombros ressequidos e de côr da cál, — havia phantasticamente subido ao céu e sepultado nas terras do azul, um astro de oiro. Porque afinal, Eça de Queiroz, era para nós outros, um Deos todo Poderoso da Arte, e n'esse setimo céu, inaccessible aos mais, onde alara-se em ascensão luminosa, nada o podia attingir, como nada attingir pode as estrellas de luz, brancas noivas dos lyrios do mar.

Ah! elle que ante o fogo sagrado aceso no altar da nossa admiração, crescia infinitamente, como o luar surgindo, dominador e bello; elle que era o Sonho constellado, lá se fôra, — pezadello convulso! — n'uma sexta-feira de Agosto, braços cruzados sobre o peito, pallido e immovel, como a estatua d'um Rei, e lá ficára, Senhor! abandonado entre brancas cruces de marmore, encerrado n'um sepúlchro alvo e frio, como a nevoa do espaço.

Magestoso fidalgo, na vida, lá se fôra para o Reinado da Morte, cabeça reclinada ao travesseiro do caixão, labios emmudecidos e olhos cerrados, lá se fora como um sól extinto, envolto nas dobras negras da mortalha, para o Campo-Santo, expôr o corpo ao sereno fino, que enervava, e a chuva fria e continua das noites eternas.

E veio-nos então uma saudade immortal d'esse Eça de Queiroz como se o conhecessemos e o amassemos por uma larga manhã gloriosa e com elle passassemos os dias mais florescentes e de oiro da nossa mocidade.

Uma nostalgia serena nos abatéo de todo, como a saudade immensa d'um paiz biblico e tranquillo, suspenso nas terras magnificentes do Idéal e onde a estrella d'alva, põe-se a velar, pelos sonhos mortos, no ether alvorecido pelos primeiros clarões do dia nascente.

E fomos então reler religiosamente, com carinho infinito, as paginas assombrosas dos *Maias*.

E quando nos apercebemos, a nossa alma de lucto estava genuflexada ante esse immaculado evangelho, rezando por elle, soluçando por elle.

Era por um Idolo, que soluçavamos e era por um sonho que perdiamos para sempre.

Em camara ardente de saudade transformou-se o nosso coração.

E o perfil do morto, redivivo no docel da gloria, surgiu-nos assim cercado d'um resplendor, que era uma apothéose.

E' que nunca amamos tanto a um artista como a esse genial creador da *Reliquia*.

E como esse poeta supremo do *Primo Bazilio* nenhum sabia tão vastamente fallar das paixões tumultuosas que passaram por nós, como vendavaes, e de agonias que em torno de nós rugiram, como oceanos, e que não sabiamos descrever, nem balbuciar sequer. Tudo que elle escrevia era bello; tudo que elle dizia fazia-nos pensar.

Abrio para as almas illuminadas, novos céos e conquistou novos mares.

Quando Eça fallava, tudo doirava-se de uma vida nova e d'um resplendor perpetuo de sel dos mares.

Photographou amplamente a vida, sem doença pallida dos Romeus desilludidos e sentio e comprehendeo fundamente todas as paixões e as alegrias dos homens.

De todas as paginas surprehendentes d'esse supremo artista, evola-se um doce perfume embriagador, como o d'um alvo lençol cheiroso de rozas brancas, a rescender, n'um campo novo.

Junto a uma nuvem triste e ensombrada punha uma estrella a sorrir.

Nos braços abertos de uma arvore morta, punha um passaro de regias plumagens de oiro a cantar para a luz crescente que surgia, em notas de festa, alagando de madrugada em flôr o céo longiuo, o puro céo de anil. E ficamos assim a evocar esse extraordinario evangelizador da litteratura moderna que como "Shakespeare, o grande mergulhador do coração humano, trazia a tona d'esse pélago profundo, perolas e pantanos, anemonas e coraes", como disse Ruy Barbosa, apontando para um astro immenso, isolado na amplidão.

A sua verve perenne, d'uma frescura doce e virginal de primavera em gorgeios e em luz, refulgia o nosso espirito d'uma mocidade violenta, como a dos lyrios bravos e d'um encanto incomparavel de vida e de amor.

Quando fazia resplandecer, como a luz festiva da manhan, na alvura immacula d'aquellas paginas, os finos tons de oiro da alegria, tão risonha e bella, como uma noiva a sorrir entre as flores do noivado, todos com elle punham-se a encontrar docuras na vida e serenas alvoradas, surgindo em gala régia, depois das noites de gelo, passadas ao relento no oceano tormentoso do mundo.

Enfeitou de fitas escarlates os lustrosos chapéos pretos dos *acacios* e fel-os assim esplendidamente andarem, escandalosos e serios, pelas ruas da cidade e pelos salões, em minuets, convencidos e grotescos.

E' Guerra Junqueiro que falla:

"A critica quando vio apparecer Eça de Queiroz, como uma especie de funambulo e de vidente, fazendo jogos malabares com um punhado de seixos e um punhado de estrellas, quando o viu saltar por cima das tradições da litteratura nacional, como um *Gravache* por cima d'um *frade*, a critica, a excellente critica, a impagavel critica portugueza, começou a rir-se d'elle, a troçal-o, a apedrejal-o, e houve até quem quizesse vestir-lhe uma camisa de força, e mandar-lhe fazer um chapéo alto, na fabrica de gelo do Aterro.

Era a critica pacata que recolhia-se a noitinha, as Trindades, que se confessava, que vestia aos domingos a sua fatiota nova, que tomava chá, de guardanapo ao peito e que não gostava de barulhos.

Os contos na Gazeta de Portugal, sua primeira phase litteraria, são obras primas d'uma phantasia convulsa e desgrenhada.

A guitarra extravagante e mephistophelica que Eça de Queiroz trazia n'esse tempo a tiracolo, por cima de sua loba de bohemioera como:

"La guitare des monts Inspruck reconnaissable

Au grélôt de son manche ou sonne un grain de sable;

com a differença que o grão d'areia era substituido por um grãozinho negro de loucura.



# Eça de Queiroz

**N**aquella branca manhã de inverno, quando de subito recebemos esse golpe em nosso coração, quando nos vieram dizer que elle era morto, ficamos na duvida d'um sonho e com a alma envolta n'um deslumbramento.

E assim n'essa barbara e confusa emoção foi como se nos viessem annunciar nervosamente que um coveiro senil — mortalha aos hombros ressequidos e de côr da cál, — havia phantasticamente subido ao céu e sepultado nas terras do azul, um astro de oiro. Porque afinal, Eça de Queiroz, era para nós outros, um Deos todo Poderoso da Arte, e n'esse setimo céu, inacessivel aos mais, onde alara-se em ascensão luminosa, nada o podia attingir, como nada attingir pode as estrellas de luz, brancas noivas dos lyrios do mar.

Ah! elle que ante o fogo sagrado accezo no altar da nossa admiração, crescia infinitamente, como o luar surgindo, dominador e bello; elle que era o Sonho constellado, lá se fôra, — pezadello convulso! — n'uma sexta-feira de Agosto, braços cruzados sobre o peito, pallido e immovel, como a estatua d'um Rei, e lá ficára, Senhor! abandonado entre brancas cruzes de marmore, encerrado n'um sepúlchro alvo e frio, como a nevoa do espaço.

Magestoso fidalgo, na vida, lá se fôra para o Reinado da Morte, cabeça reclinada ao travesseiro do caixão, labios emmudecidos e olhos cerrados, lá se fora como um sól extinto, envolto nas dobras negras da mortalha, para o Campo-Santo, expôr o corpo ao sereno fino, que enervava, e a chuva fria e continua das noitadas eternas.

E veio-nos então uma saudade immortal d'esse Eça de Queiroz como se o conhecessemos e o amassemos por uma larga manhã gloriosa e com elle passassemos os dias mais florescentes e de oiro da nossa mocidade.

Uma nostalgia serena nos abatéo de todo, como a saudade immensa d'um paiz biblico e tranquillo, suspenso nas terras magnificentes do Idéal e onde a estrella d'alva, põe-se a velar, pelos sonhos mortos, no ether alvorecido pelos primeiros clarões do dia nascente.

E fomos então reler religiosamente, com carinho infinito, as paginas assombrosas dos *Maías*.

E quando nos apercebemos, a nossa alma de lucto estava genuflexada ante esse immaculado evangelho, rezando por elle, soluçando por elle.

Era por um Idolo, que soluçavamos e era por um sonho que perdiamos para sempre.

Em camara ardente de saudade transformou-se o nosso coração.

E o perfil do morto, redivivo no docel da gloria, surgiu-nos assim cercado d'um resplendor, que era uma apothéose.

E' que nunca amamos tanto a um artista como a esse genial creador da *Reliquia*.

E como esse poeta supremo do *Primo Bazilio* nenhum sabia tão vastamente fallar das paixões tumultuosas que passaram por nós, como vendavaes, e de agonias que em torno de nós rugiram, como oceanos, e que não sabiamos descrever, nem balbuciar sequer. Tudo que elle escrevia era bello; tudo que elle dizia fazia-nos pensar.

Abriu para as almas illuminadas, novos céos e conquistou novos mares.

Quando Eça fallava, tudo doirava-se de uma vida nova e d'um resplendor perpetuo de sel dos mares.

Photographou amplamente a vida, sem doença pallida dos Romeus desilludidos e sentio e comprehendeo fundamente todas as paixões e as alegrias dos homens.

De todas as paginas surprehendentes d'esse supremo artista, evola-se um doce perfume embriagador, como o d'um alvo lençol cheiroso de rozas brancas, a rescender, n'um campo novo.

Junto a uma nuvem triste e ensombrada punha uma estrella a sorrir.

Nos braços abertos de uma arvore morta, punha um passaro de regias plumagens de oiro a cantar para a luz crescente que surgia, em notas de festa, alagando de madrugadas em flôr o céu longiquo, o puro céu de anil. E ficamos assim a evocar esse extraordinario evangelizador da litteratura moderna que como "Shakespeare, o grande mergulhador do coração humano, trazia a tona d'esse pélago profundo, perolas e pantanos, anemonas e coraes", como disse Ruy Barbosa, apontando para um astro immenso, isolado na amplidão.

A sua verve perenne, d'uma frescura doce e virginal de primavera em gorgeios e em luz, refulgia o nosso espirito d'uma mocidade violenta, como a dos lyrios bravos e d'um encanto incomparavel de vida e de amor.

Quando fazia resplandecer, como a luz festiva da manhan, na alvura immacula d'aquellas paginas, os finos tons de oiro da alegria, tão risonha e bella, como uma noiva a sorrir entre as flores do noivado, todos com elle punham-se a encontrar doçuras na vida e serenas alboradas, surgindo em gala régia, depois das noites de gelo, passadas ao relento no oceano tormentoso do mundo.

Enfeitou de fitas escarlates os lustrosos chapéos pretos dos *acacios* e fel-os assim explendidamente andarem, escandalosos e serios, pelas ruas da cidade e pelos salões, em minnetes, convencidos e grotescos.

E' Guerra Junqueiró que falla:

"A critica quando vio apparecer Eça de Queiroz, como uma especie de funambulo e de vidente, fazendo jogos malabares com um punhado de seixos e um punhado de estrellas, quando o viu saltar por cima das tradições da litteratura nacional, como um *Gracoe* por cima d'um *frade*, a critica, a excellente critica, a impagavel critica portugueza, começou a rir-se d'elle, a troçal-o, a apedrejal-o, e houve até quem quizesse vestir-lhe uma camisa de força, e mandar-lhe fazer um chapéo alto, na fabrica de gelo do Aterro.

Era a critica pacata que recolhia-se a noitinha, as Trindades, que se confessava, que vestia aos domingos a sua fatiota nova, que tomava chá, de guardanapo ao peito e que não gostava de barulhos.

Os contos na Gazeta de Portugal, sua primeira phase litteraria, são obras primas d'uma phantasia convulsa e desgrenhada.

A guitarra extravagante e mephistophelica que Eça de Queiroz trazia n'esse tempo a tiracolo, por cima de sua loba de bohemioera como:

"La guitare des monts Inspruck reconnaissable

Au grelót de son manche ou sonne un grain de sable;

com a differença que o grão d'areia era substituido por um grãosinho negro de loucura.

Seguiu-se depois, em folhetins na *Revolução de Setembro*, a *Morte de Jesus*, narrativa phantastica, em que ha paginas extraordinarias, d'um colorido arrebatador“.

Elle contemplou do alto a vida e pairou em cima, n'um fausto de genio, sereno e rutilo, analysando tudo, comprehendendo tudo.

Quem o ler tem que amal-o.

Sentimo-nos bem perto d'elle.

“E isto é que é ser artista,, exclama Ramalho Ortigão.

Colombo do coração humano, fez-se de vélas por mares ignotos e creou novos mundos, novos sões, e novas paysagens americanas, moças de seiva, surprehendentes de perfumes e flor.

Saber que elle vivia e que assistia ao tombar desgrenhado d'estas noites do seculo; saber que por aquella alma ja haviam passado todas as rajadas tempestuosas da vida, era para nós, os pequenos e fracos, como um suave consolo.

Eça impregnou todas as almas d'uma philosophia consoladora e vasta.

No entanto esse Deos da Arte já não existe no mundo! Tombou por terra a sua effigie revestida de formas humanas.

E ante esse funeral que passou deslumbrando tudo, abriram alas os pontifices de todas as cathedraes litterarias e cobriram-se de lucto por esse que se ia.

E' que Eça de Queiroz provou soberanamente que para um talento real e novo não ha escola velha e todos os sonhos são novos quando illuminados de sol e engrinaldados de pedraria.

O' que elle descance e sonhe enfim na sombra d'estes mundos que creou! Que vele pela Arte até a consumação dos seculos!

E nós ireraps espiritualmente em romaria aos muros d'esse santo sepulchro, ajoelhar-nos e fazer nossas orações no evangelho que elle deixou no Universo todo e que é a sua Obra incomparavel, sempre nova e eterna como o luar no espaço onde as estrellas florescem.

**Santa Ritta Junior.**

## Portico

Recorta, ó minha Não, os mares do Cruzeiro!  
O Mar, por ti, estala e ruga e cao de rastros...  
Flammula, é como a Lua, a brilhar no nevoeiro,  
Alva, symbolisando a pureza dos Astros!

- Signo branco da Paz que encetra o meu roteiro  
Kabbalisticamente a tremular nos mastros:  
Sêde sempre por mim, meu sol! meu pharoleiro!  
Meu porto seja um leito fino de alabastros!

Tá nas vagas do mar aponta-me a Esperança.  
Pura, da côr da neve, alva, Flammula branca,  
Como a luz do pharol da Bemaventurança!

Sobre as calmas do Amor que de sonhos construes,  
Vamos, vélas ao sol, seguindo em marcha franca,  
Para além! para além! pelos mares azues!

(Das "Flammulas")

**Generoso Borges.**



## Singularidades de uma rapariga loura

(Excerpto)

As Villaças costumavam ir aos sabbados a casa de um tabellião muito rico da rua dos Calafates: eram assembléas simples e pacatas, onde se cantavam motetes ao cravo, se glosavam motes e havia jogos de prendas do tempo da senhora D. Maria I, e as 9 horas a creada servia a orchata. Bem. Logo no primeiro sabbado, Macario, de casaca azul, calças de ganga com presilhas de trama de metal, gravata de setim roixo, curvava-se diante da esposa do tabellião, a senhora D. Maria da Graça, pessoa secca e aguçada, com um vestido bordado a matiz, um nariz adunco, uma enorme luneta de tartaruga, e pluma de marabout nos seus cabellos grisalhos. A um canto da sala já lá estava, entre um *frou-frou* de vestidos enormes, a menina Villaça, a loira, vestida de branco, simples, fresca, com o seu ar de gravura colorida. A mãe Villaça, a soberba mulher pallida, cochichava com um desembargador de figura apopletica.

O tabellião era um homem letrado, latinista, e amigo das musas, escrevia n'um jornal de então a *Alcega das Damas*: porque era sobretudo galante, e elle mesmo se intitulava n'uma ode pittoresca, *moço escudeiro de Venus*. Assim as suas reuniões eram occupadas pelas bellas-arts — e n'uma noite um poeta do tempo devia vir ler um poemeto intitulado: *Elmira ou a vingança do veneziano!*...

Começavam então a apparecer as primeiras audacias romanticas. As revoluções da Grecia principiavam a atrahir os espiritos romanescos e saídos da mythologia para os paizes maravilhosos do oriente.

Por toda parte se fallava no pachá de Janina. E a poesia apossava-se vorazmente d'este mundo novo e virginal de minaretes, serralhos, sultanas côr de ambar, piratas do archipelago, e salas rendilhadas, cheias do perfume do alôes onde pachás decrepitos acariciam leões. — De sorte que a curiosidade era grande — e quando o poeta appareceu com os cabellos compridos, o nariz adunco e fatal, o pescoço entalado na alta gola do seu frak à restauração e um canudo de lata na mão — o Sr. Macario é que não teve sensação, porque lá estava todo absorvido, fallando com a menina Villaça, e dizia-lhe meigamente:

— Então n'outro dia, gostou das casimiras?

— Muito, disse ella baixo.

E desde esse momento envolvem-os um destino nupcial.

No entanto, na larga sala, a noite passava-se espiritualmente. Macario não poudé dar todos os pormenores historicos e característicos d'aquella assembléa. Lembrava-se apenas que um corregedor de Leiria recitava o *Madrigal a Lydia*: lia-o de pé, com a luneta redonda applicada sobre o papel, a perna direita lançada para adiante, a mão na abertura do collete branco de gola alta, e em redor o circulo das damas, recamadas de vestidos de ramagens, cobertas de plumas, as mangas estreitas terminadas n'um fôfo de rendas, mitenes de retróz preto cheios da scintillação dos anneis. Tinham sorrisos ternos, cochichos, doces murmurações, risinhos, e um brando palpitante de leques recamados de lantejoulas. — Muito bonito, diziam, muito bonito!

E o corregedor desviando a luneta, complimentava sorrindo, e via-se-lhe um dente podre.

Depois a preciosa D. Jeronyma da Piedade e Sande, sentando-se com maneiras commovidas ao cravo, cantou com a sua voz roufenha a antiga aria de Sully.

oh Ricardo, oh meu rei,  
o mundo te abandona.

o que obrigou o terrível Gaudencio, democrata de 20 e admirador de Robespierre, a rosar rancorosamente junto de Macario: — Reis-viboras!

Depois, o conego Savedra cantou uma modinha de Pernambuco muito uzada no tempo do senhor D. João VI: *lindas moças, lindas moças* — e a noite ia assim correndo, litteraria, pachorrenta, erudita, requintada e toda cheia de musas.

Oito dias depois, Macario era recebido em casa da Villaça, n'um domingo. A mãe convidara-o, dizendo-lhe: espero que o visinho honre aquella choupana. — E até o desembargador apoplectico, que estava ao lado, exclamou: choupana! diga alcaçar! formosa dama!

Estavam, n'esta noite, o amigo do chapêo de palha, um velho cavalleiro de Malta, tropego, estúpido e surdo, um beneficiado da Sé, illustre pela sua voz de tiple, e as manas Hilarias, a mais velha das quaes, tendo assistido, como aia de uma senhora da casa da Mina, á tonrada de Salvaterra, em que morren o conde dos Arcos, nunca deixava de narrar os episodios pittorescos d'aquella tarde: a figura do conde dos Arcos de cara rapada e uma fita de setim escarlata no rabicho; o soneto que um magro poeta parasita da casa do Vimioso, recitou quando o conde entrou, fazendo ladear o seu cavallo negro, arreado á hespanhola, com um chairel onde as suas armas estavam lavradas em prata; o tombo que n'esse momento um frade de S. Francisco deu da trincheira alta, e a hilaridade da côrte que até a Snr.<sup>a</sup> condessa de Pavolide apertava as mãos nas ilhargas; depois el-rei o senhor D. José I, vestido de velludo escarlata, recamado de oiro, todo encostado ao rebordo do seu palanque, e fazendo girar entre os dedos a sua caixa de rapé cravejada, e por traz immoveis, o physico Lourenço, e o frade, seu confessor; depois o rico aspecto da praça cheia de gente de Salvaterra, maioraes, mendigos dos arredores, frades, lacaios, e o grito que houve, quando D. José I entrou: — Viva el-rei, nosso senhor, e o povo ajoelhou, e el-rei tinha-se sentado, comendo doces, que um creado trouxe n'um sacco de velludo atraz d'elle: depois a morte do conde dos Arcos, os desmaios, e até el-rei todo debruçado, batendo com a mão no parapeito, gritava na confusão, e logo o capellão da casa de Arcos tinha corrido a buscar a extrema unction: ella a Hilaria, ficara aterrada de pavor, sentia os urros dos bois, gritos agudos de mulheres, os ganidos dos flatos, e vira então um velho, todo vestido de velludo preto, com a fina espada na mão, debater-se entre fidalgos e damas que o seguravam, e querer atirar-se á praça, bradando de raiva. E' o pae do conde: ella então desmaia nos braços de um padre da congregação.

Quando veio a si, achou-se junto da praça; a berlinda real está á porta, com os postilhões emplumados, os machos cheios de guizos e os batedores com pampilhos; el-rei já estava dentro, escondido no fundo, pallido, sorvendo febrilmente rapé, todo encolhido com o confessor; e defronte, com uma das mãos apoiada á alta bengalla, forte, espaduado, com o aspecto carregado, o marquez de Pombal, fallando de vagar e intimativamente, e gesticulando com a luneta: mas os batedores picaram, os estalos dos postilhões retiniram e a berlinda partiu ao galope, em quanto o povo gritava: Viva el-rei, nosso senhor — e o sino da porta da capella do paço tocava a finados! Era uma honra que el-rei concedia á casa dos Arcos.

(1873)

*Eça de Queiroz*



**Ideal?!***Ao Leoncio Correia*

## I

**U**iro Donzel partio um dia,  
Por entre os oiros do luar...  
—Alva galéra luzidia  
De velas pandas sobre o mar!—

*E murmurava—Ave Maria—,  
O campanario do solar...*

Diziam astros nas alturas  
Pelos quadrantes e astrolabios:  
—Será feliz, terá venturas  
E o riso em flor sempre nos labios.

*E zombará das amarguras,  
Monologavam velhos sabios.*

## II

**T**ambem ao sol outras galéras  
Foram-se em busca do Oriente,  
E ao som subtil de mil chiméras  
Riam companhas! Sol nascente!...

*Inda fulgiam primavéras  
N'um extertor de luz poente.*

Na curva azul indefinida,  
Deixaram rastros, nada mais...  
Novos se aprestam para a lida  
Por entre os brancos lyriaes.

*E pela treva indefinida  
Passavam sombras espectraes!*

Nenhum voltou d'essa paragem,  
Onde o luar é mancenilha,  
E a Roza cruz, atra voragem  
Onde a demencia em sonhos brilha.

*Donzel voltae! não tendes pagem,  
Abandonae a immensa trilha.*

Não prosigaes, tende cautella  
Que a vossa estrellá é uma ironia!  
E a vossa Dama, — alma singela,  
A vossa Dama é uma utopia.

*Voltae! voltae! alma de estrellá  
Que a noite desce erna e sombria...*

**Thiago Petróto.**

## FLORES

Um pallido raio de luar, o mesmo que os vio florescer um dia na illusão saudosa de uma esperança risonha, levou-os, os meos sonhos castos, phantasias ridentes, sombras caprichosas, antes que o sol festivo da primavera os viesse encontrar, esparsos, na immensa desolação de um cemiterio abandonado.

Mão profana as colhêra, essas flores da soledade, para jogar-as ao pó da estrada.

E elles se foram frageis e pequeninos, pallidos como as florinhas do Outomno em busca da Saudade.

E que dor! que dor de os ter sonhado na primavera quando a primavera não voltará.

E eu fiquei para a vida, oh! loucura! na esperança de um consolo.

De um consolo!

Resta a solidão no vacuo infinito da miuha alma.

E a solidão é uma blasphemia na alma de um condemnado a vida.

Que importa?

No seio da natureza primitiva, cada musgo que se agarra ás rochas ennegrecidas, a debil florinha suspensa a beira do abysmo, a arvore secular, phantasma de um passado, canta na solidão uma saudade.

E a saudade é o sandalo da vida.

\*

E foste tu, Zaïra, que plantaste o deserto da morte, onde floria a vida em plena conquista de glorias.

Louca!

18—8—1900

*Nicolau das Santas.*

## MUTAÇÃO

*Ao Aristides França*

Lasso, como um guerreiro apóz tredo combate,  
No occaso tomba o Sol. De subito se espalha  
Pelo Azul infinito uma tinta escarlata  
Viva, como o clarão que sae de uma fôrnalha.

\*\*

Em fogo todo o Céu... Como um toque a rebate  
Pesadamente o bronzeo carrilhão bimbalha...  
Passa o vento a gemer n'uma fúria de orate,  
E da noite afinal, desce a negra mortalha.

\*\*

A terra inteira toma o aspecto de um sombrio  
Campo-santo onde a Morte,—o espectro negro e frio,  
Como uma ave augural suas azas espalma.

\*\*

Funda desolação em tudo transparece...  
Trevas... Perde-se no ar um sussuro de prece,  
E o crepe da tristeza amortalha-me a alma.

*Adalberto Werneck.*